

UMA ESTÓRIA, MEIA REFLEXÃO E MÚLTIPLAS VOZES: DO INESPERADO DAS REDES

(*) Organização, Edição e Comentários:

Ernande Valentim do Prado (emboraeuqueira@gmail.com) e
Julio Alberto Wong Un (julio.wong.un@gmail.com) [Julio Wong]

O texto aqui apresentado foi feito de fragmentos de mensagens via e-mail sobre a Rede de Educação Popular e Saúde. Lançamos perguntas para o grupo de discussão na internet da Rede (edpopsaude no Yahoo Grupos). Os nomes em negrito indicam os autores dos fragmentos de mensagens; os nomes entre os signos [e] indicam os autores dos comentários inseridos.

A REDE QUE É REDES

Sergio Ramos (*Ilha - Rio de Janeiro*): Toda palavra é uma rede de se pegar coisas. Que coisas pegam a palavra rede? Como trançar uma rede que, ao invés de enredar, liberta? “Era só jogar a rede e puxar...” Que fome se mata em rede? (viés meu... rrsrs) O que pode uma rede? Como fazer uma rede servir sem ser servil? Como escrever a vida em rede?

Julio Wong (*Tijuca - Rio de Janeiro*): Caro Sérgio. Suas brincadeiras verbais são, no mínimo, trastes do nosso Manoel de Barros. Acho que iremos tecer uma polifonia de imagens.

Ernande (*Rio Negro - MS*): Antes [de conhecer o Sérgio pessoalmente] a rede era um lugar de me manifestar, trocar informações, experiências, procurar orientações sobre alguns problemas enfrentados no dia-a-dia, testar possibilidades. Depois [que] conheci o Sérgio no Terceiro Encontro da Rede, percebi sua corporeidade, sua subjetividade profundamente abundante e descobri que a Rede não era só um “lugar” para racionalizar, raciocinar, buscar conhecimento e pertencimento. Era tudo isso, e é, mas que a Rede podia, e pode, ser sentida, cheirada, percebida enquanto uma entidade viva e pulsante. Que a Rede pode embalar, aconchegar, cuidar [...]

Carlos Silvan (*Recife*): [A] REDE [...] tem se expressado fortemente enquanto uma rede de conversações, de informes, de processos comunicativos, mas também se expressa como espaço de acolhimento e de produção de sentidos para os/as militantes da educação popular [...].

Ernande: Carlos, lembro que quando minha mãe adoeceu e compartilhei minha dor com a rede, você respondeu com uma mensagem muito bonita que trazia uma concepção da rede enquanto espaço de cuidado de seus membros.

Carlos: Ernande, também penso a REDE como espaço de cuidado e de poesia. Acho que a REDE é parecida com as RODAS de ciranda da minha terra (Limoeiro, Recife - PE). Pessoas se expressam assim que podem e acham que podem se expressar. [...].

Alessandro Monte (*Pernambuco*): A rede para mim vai além da oportunidade de expressar para várias pessoas ao mesmo tempo: sentidos, opiniões, trocar saberes por mais que não estejamos juntos fisicamente, mas em mente, corpo e alma possamos transcender as barreiras. Alguns falam da tecnologia como um obstáculo. Mas se conseguirmos superar obstáculos e transformá-los em possibilidade de encontro, de troca, de carinho e atenção, pois aqui nos deparamos como nossas indagações, dúvidas, anseios, angústias, mas nos deparamos também com amigos, conselheiros e companheiros que nos mostram em comum um caminho que nos une (rede), solidariedade, compromisso e luta pela igualdade de oportunidades, de cidadania de amor e de direito, pois isso também é um direito nosso, o direito de se comunicar e expressar pensamentos, desde os que têm canudos como os sem canudos, mas todos com saberes, vontades, desejos, enfim com alma e vida, que possamos viver da melhor forma possível esse espaço chamado REDE.

Cecília Massei (*Paris, França*): Não sei se o que tenho pra falar da rede pode contribuir, pois é tão... pessoal...

E quando me empenhei em dizer clara e objetivamente o que a rede é pra mim... hum... não consegui. Então fiz uma “auto-tempestade-de-idéias”. Veja o que deu: encontros; encontro comigo; encontrar no outro o melhor de mim; eu me vejo na rede; eu me vejo no que sentem, pensam e fazem os da rede; é minha identidade, muito mais que profissional; pois que invisível, essencial; é o essencial que vem do outro que mobiliza o que é essencial em mim; me emociona; é sentir vontade de chorar só por me dar conta disso; é partilhar o jeito de ser e de estar no mundo; é ser e estar no outro lado do mundo por mim.

Maria Amélia Mano (*Porto Alegre*): Bom, quanto à Rede e a forma como nos comunicamos e somos (virtualmente), acho que esse espaço vai para além do virtual porque é palpável e vivo. É a prova de que as pessoas podem estar distantes e próximas ao mesmo tempo. Aqui, as pessoas riem e choram, brigam e desabafam e encontram verdadeiros terapeutas cotidianos nas falas e escutas de todos. É a generosidade dos que não se tocam ou se vêem, mas se sentem e por isso funciona! Há um compartilhar de ideais, o que propicia o surgimento de, cada vez mais, novas idéias! Há a crítica, a contradição e a discordância sempre necessárias em um diálogo aberto e livre. Poderia dizer muita coisa e seria pouco. Basta dizer, penso que é um lugar de encontros... os bons encontros!

HISTÓRIA E ESTÓRIA DA REDE

Eymard (*João Pessoa, Paraíba*): Na verdade, esta Rede começou bem antes [da] lista de discussão [edpopsaude]. Desde 1991, em cada congresso e encontro em que debatíamos os temas da educação popular [...] colhíamos listas de endereços (não eletrônicos) e íamos montando listas [...]. Nosso meio de comunicação era o Boletim da Articulação Nacional de Educação Popular e Saúde (nome primeiro da Rede). A ENSP/FIOCRUZ imprimia os boletins (graças ao prestígio de Victor Valla e ao trabalho silencioso de Mônica de Assis) e os enviava pelo correio. Ficávamos também com um bom número para distribuir nos eventos. Tentávamos fazer um Boletim bem participativo, mas poucas pessoas participavam. As combinações entre os produtores eram feitas principalmente por telefone e cartas de papel. Com isto, fomos criando um clubinho de pessoas identificadas com a proposta da educação popular em saúde. O aparecimento das listas de discussão pela internet deu um grande impulso. [...] Quando vejo tantas pessoas novas, com novos saberes, com diferentes experiências e com outras histórias, agora se confluindo na Rede, fico contente. Alegro-me,

principalmente com a juventude que chega com todo o gás [...]. Já temos entre nós uma velha guarda e uma juventude. Temos o setor mais institucionalizado e poderoso e o setor mais movimento, mais informal. Com isto, aparecem novos conflitos internos, mas que temos conseguido ir superando com calma.

[Julio Wong]

Sobre a origem e história da lista edpopsaude, posso contar o seguinte: em 1998 foi fundada a Rede na sua forma atual, em um encontro na Fiocruz, com Victor Valla e Eduardo Stotz como mentores. Pouco tempo depois eu fui trabalhar em Brasília, no CENEPI. O Eduardo começou a enviar e-mails a conhecidos contatos da nova Rede - lembro que tinha umas pessoas da Universidade de Buenos Aires também. Nessa época eu descobri os grupos de discussão na internet - ou comunidades virtuais. Criei a lista edpopsaude no sítio web e-groups (que dois anos depois foi comprado pelo Yahoo) em março de 1999, com 30 pessoas. Nesse ano houve um grande congresso na Bahia. A lista foi divulgada e pouco tempo depois já éramos 130. Aos poucos fomos chegando aos 750 que somos hoje. A lista fez este ano 9 anos, o que é muito incomum na internet. O fluxo mensal de mensagens sempre ultrapassa os 200, tendo chegado a 400 em alguns meses.

Pedro José (*Paraíba*): Primeiro quero dizer o quanto fico feliz em ver este processo caminhando; especialmente em ver todo o resgate histórico que a Comissão tem feito e toda a atenção, carinho e cuidado em ouvir diferentes vozes, pensamentos e opiniões a respeito. O trabalho de vocês é belo. Sobre uma das questões que Ernande chama a atenção, gostaria de “me meter” e falar da diferença entre as Redes/Entidades que compõem o movimento de educação popular. Gostaria de falar da ANEPOP - Articulação Nacional de Extensão Popular em Saúde. Talvez seja a ANEPOP, cronologicamente, a última destas grandes redes de EP a surgir/crescer com forte e ativa presença das pessoas da saúde. Ela vem de um processo histórico há muito tempo iniciado, puxado de maneira forte pelo movimento estudantil ligado a projetos de extensão norteados pela educação popular. [...] A ANEPOP tem uma caminhada diferente da ANEPS - Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde, da Rede - em termos de situações, problemas, contradições, projetos, etc. Mas, apesar das especificidades, todas têm caminhado juntas, na medida em que estão juntas na luta pela EP como referencial. Da democratização, da humanização, da participação crítica e ativa. Temos somado esforços, estratégias e

compartilhado espaços e agendas, no sentido de defender a EP e a força da organização dos movimentos sociais e populares. Muitas pessoas participam ativamente destas 3 redes (ou de 2, pelo menos). [...]

Vera Dantas (*Fortaleza, Ceará*): Queridos amigos e amigas, tenho vivido a inquietante dificuldade de compartilhar mais intensamente as histórias, idéias, provocações que vão constituindo a dinâmica [da] rede. E pra essa conversa não ficar assim tão carregada de masculinidades [...] vou me metendo nessa conversa assim meio sorradeira na entrada e na saída. Assim, lembro que cheguei a ela guiada pelo Eymard, em 1999. Ficava encantada com as falas amorosas, mas carregadas de conceitos, possibilidades, vivências. Ficava meio tímida e lembro que a primeira vez que tomei coragem de manifestar-me, fui acolhida por Iracema e aí, como menina do interior, fui ensaiando falas, trazendo algumas histórias e fui me fazendo caminhante. Lembro do dia em que conheci pessoalmente a Iracema, Ana Cláudia e Verônica e da emoção quando recebi o telefonema do Eduardo Stotz avisando que viria a Fortaleza e pedindo ajuda para começar a articular a ANEPS. Do encontrar a Helena com quem havia vivido um momento em Quixadá em um curso de especialização. E com o tecer de uma rede, outros e outras foram chegando e gente foi tomando pé e olhando pra rede de perto e de longe e percebendo que, como em todo lugar, de longe e de perto ela tem configurações diferentes. As pessoas são reais e como toda realidade é complexa e contraditória, elas começam a aparecer. Olho pra essa rede. Ela não é de linho cru, como algumas que a gente encontra no Ceará e nas quais é maravilhoso dormir um sono no final de semana. É multicolor e tem fios de algodão, fios de nylon, tantos desenhos e bordados. Tem horas que rolam umas arengas, até incompreensões. Horas alguns parecem os donos da verdade, mas aí vêm outros e dão uma provocada e a coisa vai voltando à calma. Muitos aprendizados, muitas incursões conceituais nessa rede provocaram-me a buscar outras leituras. Muitas orientações bibliográficas recebi de pessoas, que à época, nem as conhecia!!

[Ernande]

[Esta é] uma entrevista sem perguntas, onde cada um pôde falar da sua REDE. Cada um tem a sua rede e ela não deixa de ser nossa por essas particularidades. Ela serve a todos e

a cada um de nós de maneira comunitária e particular. [A] rede é mutável mesmo e por isso não pode ser totalmente explicada... [...] Sergio Ramos diria que a REDE não pode ser explicada, tem que ser sentida.

DE PROFUNDIS?: A MEIA REFLEXÃO.

[Julio Wong]

Percorro o caminho a Comala - como o jovem Pedro Páramo, que anda a procura do seu pai, Pedro Páramo. No caminho encontra muitos outros filhos de Pedro Páramo, também Pedros. Assim, mesmo antes de chegar a Comala, o jovem mexicano já é parte de uma família imensa, mesmo que nada empolgada. Son los tiempos, señor. Comala, como Macondo, como El Dorado, como outras tantas miragens necessárias à sobrevivência do Espírito, é feita dos sonhos coletivos. O escritor, o calado burocrata Juan Rulfo, é só Voz no Deserto, meio e nunca fim. Assim penso o processo de reflexão. Só assim para pensar esta rede que é, também, família, amante.

Ou então surge o poema famoso do João Cabral, aquele dos galos que juntos levantam o lenço da madrugada, tecem o dia, cantam em coral. Ou ainda o Thiago de Melo e sua cidade feita de interiores, de amores. Eis o fluxo das redes - da nossa.

E aqui, nessa colcha de costuras, nessa dança de afirmações e afagos, nessa tensão dos que divergem como amigos... há tantas teceduras, rodas, cirandas, círculos sagrados, dialéticas amorosas, escritas poéticas, lutas compartilhadas, escutas atentas e profundas que pouco sabe o intelecto. Mas ainda assim...

Só a música descreve bem os fluídos das redes, os encontros e as despedidas... e encontros... e encontros... as mortes e renascimentos... pirar e reinventar-se... só o Humano com Outros.

Assim, fluida, em pedacinhos, em formas e rupturas vai se fazendo a dança que, no mínimo já dura 10 anos e - se ouvirmos o jovem mestre Eymard - vai pelos 20. Ela foi se espalhando e espalhando, em crescimento rizomático. Assim: de 30 dão 700 que os 30 nem imaginavam; de uma rede tirou-se muitas tantas redes sem saber onde acabaria o fundo da cartola; o que semeio hoje: quem sabe quando será fruto ou nova semente? Mas isso - a certeza - é o menos importante. Porque viver não é preciso. Assim essa tal de Rede de Educação Popular e Saúde.